

# Cronicas de Arte

## Paulismo popular

Receberam a seguinte carta de um leitor de "O Estado de São Paulo":  
"Caro Sr. Editor: Não sei se já viu a obra de um certo Sr. Paulo de Paula, que se chama 'O Paulismo Popular'. É uma obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Esta obra de arte, de uma arte que se chama 'arte popular', é uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'. É uma obra de arte que se chama 'arte popular'."

Excerto de Jornal: Cronicas de Arte = Paulismo popular (critica 20 ORPHEU por A. Bustorff) 22-Abril-1915



83/157

# Cronicas de Arte

## V - Paulismo popular

**E** costume velho e sabido nas lides jornalísticas o da criação dum tipo caricato, dum Praxedes numero 1, 2 ou 3, que sirva de traductor fidelissimo para as ideias mais correntes entre a chamada Grande Massa Popular. Simples e comoda soluçao se obtem por esta forma. Lendo as frases ócas e as ideias se cabotineiras que o crítico põe na boca do seu arróta-culpas, amigo Zé Povo ri, com um grande riso superior, dos gestos e das asneiras, dos paradoxos e das negativas, sem se aperceber de que tanto uns como outras de si foram copiados.

Orientados por estes principios é que nós vamos transcrever a entrevista curiosa realisada com um Praxedes qualquer, ao qual chamaremos Praxundes, e que a nossa boa sorte jornalística nos forneceu

Entrou-nos o Grande Homem pela porta dentro, anafado e sudorento, gesticulando em curtos gestos de doido, amarfanhando um *Orpheu*. E poz-se a discorrer:

— Você já viu, já leu, já profundou esta grande droga, amigo A. Bustorff? Eu vi, li e profundei. A principio ri a bandeiras despregadas, mas depois tão depressa terminei a leitura, caí em mim, por um pouco me não subiram macaquinhos ao sótão, e vi geitos de morrer a rir. Que, na verdade, o raio do livro é um disparate sem pés nem cabeça, meu caro e velho amigo!... Lê-se, e cai-nos o coração aos pés. Você não acredita? E' que ainda não leu, meu-carô! Leia e verá se não foje, como eu, a sete pés, tambem!...

«Aqui ha dias comecei a interessar-me pelo demonio da obra. Não havia jornal que lhe não «chegasse», que lhe não batesse. A mulher e os filhos instavam comigo: que comprásse, que comprásse, pois devia ser obra de tres em pipa, de x. p. t. o. Uma súcia de maduros, fartos de andar na luz e de hibernarem por restaurantes e cafés baratos e a fazerem versos, devia ter que ver.

— Comprei:— fiz-lhes a vontade. A capa, um demonio de uma capa cor de burro quando foge, ninguem lá em casa entrou com ela. As poesias do Sr. Sá-Carneiro deram-me a impressão de serem feitas por um grandissimo e alentadissimo maluco. Que ele é maluco com certeza, olá, se é!... Ou maluco, ou melro de tres assobios—isso é como quizerem. Uma tal confusão de virgens mortas e virgens vivas, virgens que estavam e não estavam em patuscada com um Marinheiro que existia mas não existia, pareceu-me obra de primeiro calibre. De resto cheirou-me um tanto ou quanto a maçada. Um tal senhor Ronald de Carvalho pareceu-me fino como um burro, mas assim a módos esquisitote. O caricaturista Almada Negreiros ia dando comigo em pantanas e por um pouco me não volta o miolo. Mas, por ultimo, o poeta Alvaro de Campos é que me pôz azedo de todo. Aquele diabo não está por certo em cheiro de santidade com a Razão, senhores!... Tanto hup! e tanto z-z-z, tanto z-z-z e hup! que eu... záz, atirei com o livro pela janela fora, farto de pescar ideias sem encontrar coisa substancial, coisa assim, que se visse. Mas estou arrependido, sabe? Exgotou-se a edição: perdi os tres tostõesinha pelo preço estabelecido mais um tanto da comissiosinha pela raridade da obra. Mas você não diz nada... Pois tambem lhe deram volta ao miolo?...

— Digo, respondi eu, digo que você está interseccionista, patilista ou *orfeuista*, tambem. Insurge-se contra os «pantanos de mim», os «jardins estagnados», os z-z-z e os hups! quando na realidade diz e usa expressões e onomatopaeismos tres vezes mais intrincados e disparatados que esses de que abomina. Agora mesmo, falando comigo,

nessa sua acatilihada critica você ri a bandeiras despregadas, ficou com macaquinhos no sótão, deram comsigo em pantanas, morreu a rir, caiu em si. Fugiu a sete pés, pescou ideias. Viu cores de burro quando foge e coisas de tres em pipa. Azedou-se de todo, comparou homens com melros de tres assobios, chegou a vê-los andar na lua, sentiu cheiros de santidade e de maçada...

E, para remate, como os z-z-z e os r-r-r-r das grandes velocidades e das grandes maquinas, tambem você traduziu as suas impressões furibundas em zás aniquiladores

Paulista, amigo Praxundes, trezentas vezes, mais paulista que os Sás-Carneiros, os Fernandes Pessoas e os Alfredos Guisados!... Pois quê, contésta? Que toda gente sabe o que é rir a bandeiras despregadas, cair e si e tantos outros vulgares distempéros mais. Mas que duvida? Sei-o eu, sabe-o você, sabe-o a visinha do lado a do primeiro andar e a do rez-do-chão. Não ha ninguem, absolutamente ninguem que o ignore, meu velho. Mas a questáo não está nesse ponto. Está neste outro: que conexão, que coerençia, que relação logica, que conjunto racional se tira da reunião dessas quatro palavras que formam a conhecida expressão «rir a bandeiras despregadas»? Nenhuma! Mas você discorda ainda! Agarra-se a essa *blague* do braço a valsar, fugido do chão, nos salões do vice-rei! E o coração caído aos pés? Você, morto a rir, falando comigo? E os miolos torcidos? E a fuga a sete pés? Mas ha mais, carissimo. Voltemos ás «bandeiras despregadas». Suponha que semelhança forma de dizer appareceu pelos meados do seculo XVII. Admita isto como bom e responda-me agora: que raio o nome ou de insulto usariam os classicos do seculo XV — dois seculos antes, — para a criatura que sem mais nem menos a usasse no meio dos rigorismos então vigentes? Matavam-n'o, apedrejavam-n'o, insultavam-lhe os collarinhos e as maneiras de ganhar a vida, faziam-lhe nem mais nem menos que o que vimos fazer aos do *Orpheu*.

Adivinho-lhe na cara, meu presadissimo detractor, um não sei quê de arreliaído que me faz prever uma pergunta. Desembuche, homem! Pois não concorda aberta e completamente com este seu creado?

Sorumbático, Praxundes acenou-me afirmativamente, e, num rezár baixinho, mascando as frases, com um despeito profundo a amargar-lhe as palavras (mais paulismo) perguntou meio recioso:

— Então nem eu, nem os outros entendémos porque nos falta preparação e educação? Porque o lastro da ignorancia não deixa subir até ás transcendencias do *Orpheu*?

— Inda não é bem isso, homem! Claro que ali ha Compreensível, e Incompreensível, *blague* e obra séria. Esta ultima ha-de ser convenientemente recompensada, quer dizer: popularisada, adoptada, preferidas e espalhadas as suas ideias, ou maneiras de dizer. Usar-se-hão muitas das suas expressões. E então você, que decerto será um dos primeiros influenciados ha-de vir, talvez, dizer-me aqui:

— Amigo A. Bustorff: teus escritos e cronicas ascenderam por mim em lentos nojos de tédio e vacuidade. Termina de tua pena o r-r-r raspante para que eu possa dormir meus sonhos em máres de leite e escuridões de luz. Quebra teus gestos. Azérisa teus pensamentos. Deixa de vez de cronicar meu Sér, para que Eu, seja Eu e nunca Tu. Segue outro rumo!

E seréi eu então, Praxundes amigo, quem te não entenderá.

22 de Abril de 1915.

A. BUSTORFF

(Aluno da Faculdade de Direito de Lisboa)

